

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

"HOMMES ET TERRES DU NORD"

Revue de l'Institut de Géographie de Lille
Bulletin de la Société de Géographie de Lille
1963 — n.º 1 — 1.º Semestre.

Não se trata de uma nova revista o periódico francês que acaba de nos chegar às mãos. É o fruto de um esforço que gerou uma nova etapa na vida das publicações sobre o Norte da França e a Europa de Noroeste. Dispondo os geógrafos daquela região para divulgarem o resultado de suas pesquisas e estudos, de 1952 a 1957, de apenas um dos números trimestrais por ano da "Revue du Nord" (Revista de História) e a partir de 1958 de mais uma revista anual, a que a Société de Géographie de Lille passou a reeditar, acharam aqueles especialistas que sua região merecia mais que esses dois números isolados. Procuraram, assim, unir essas duas publicações (um número da "Revue du Nord" e o "Bulletin de la Société de Géographie de Lille") nascendo, em 1963, "Hommes et Terres du Nord" por acharem, como diz Philippe Pinchemel, que "faltava uma revista consagrada ao conhecimento da Região do Norte, conhecimento não só teórico mas prático, no momento em que a Geografia torna-se aplicada" e que "a difusão daquelas revistas fora da Região, especialmente no estrangeiro, criava uma dualidade inconveniente".

É um periódico que não prima por trazer em sua capa a palavra Geografia, sendo seu objetivo o de abrir-se aos problemas e aspectos da região através de colaboradores que, guiados pelo espírito científico, contribuirão para seu conhecimento com a elucidação da verdade.

Farão parte de seu contexto, apesar de editada em Lille, estudos não só do Norte da França, mas também da Grande Região da qual faz parte, a Europa de Noroeste, uma vez que aquela possui uma "originalidade humana e econômica em relação às outras regiões francesas", originalidade esta que "desaparece em relação às

áreas renanas, às províncias belgas, holandesas e britânicas. São as mesmas densidades de população, a mesma intensidade de industrialização e urbanização, as mesmas rêsdes de circulação que as unem". A preocupação de servir a tãda esta Região justifica-se ainda pela participação que o Norte da França teve com ela nas transformações econômicas no correr da História, desde a Idade Média até os nossos dias, conhecendo as mesmas conseqüências de sua posição dentro do fenômeno "Revolução Industrial", possuindo hoje problemas de adaptação na dinâmica das formas de relação com todo êsse conjunto.

Trarão suas páginas não só crônicas regionais sãbre o Norte da França, Inglaterra, Bãlgica, Luxemburgo, Holanda, Alemanha Renana e Mar do Norte, mas também estudos industriais, além daquilo que vem sendo a orientação do Instituto de Geografia de Lille, ou seja, a análise do fato urbano e a Metodologia da Geografia.

A estrutura do novel periódico apresenta-se dividida em três partes: a) Artigos; b) Crônicas e c) Comentário Bibliográfico. Os Artigos, em número de cinco, perfazem o coração da revista, em seu primeiro número, ocupando 70 de suas 107 páginas: "Les régions du Nord de la France", pelo Professor A. Gamblin, "Les premiers résultats du recensement de 1962 dans le Nord de la France", por P. Bruyelle, "L'Aglomération de Valenciennes — (définition et caractères)", por J. C. Treppo e "L'Expansion économique régionale en Belgique", por F. Lentacker.

Destacamos entre êles o estudo de André Gamblin, "Maître Assistent" da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Lille — As Regiões do Norte da França — que se inicia por discutir os métodos de trabalho utilizados por vários estudiosos que procuraram chegar a divisões regionais da França tomando como base critérios diferentes. Guiado por uma nova noção de região (o que aliás vem sendo objeto de estudos freqüentes na França) Gamblin comenta a inadapabilidade das divisões antigas à realidade atual da problemática metodológica e faz ver que estudos mais profundos e de detalhe sãbre o Norte da França, além da oportunidade de aplicação de critérios múltiplos na confecção do Atlas do Norte da França, criaram a atmosfera propícia à execução dêsse nôvo trabalho.

A certeza da existência de certas regiões nessa área é evidenciada, afirma, pelas próprias cartas do Atlas através da superposição de fatos que vão da "geologia à demografia, passando pelas culturas ou a vida industrial", sendo seus limites quase que precisos. "Existe mesmo no Norte "regiões naturais" no senso estrito dos geógrafos, onde se encontra uma paisagem e uma economia ligadas a condições naturais do solo e do sub-solo. As condições naturais são mesmo a causa principal da diferenciação regional. E' preciso ver nesse fato um sub-desenvolvimento ou, ao contrário, o resultado de uma adaptação muito longa e muito diferenciada às condições oferecidas pela natureza?". A partir do levantamento desse problema, debate o conceito de região lançando mão de estudos de Sporck, Juillard e Robinson e explica as características dos dois grandes tipos de região: a Região Uniforme ou Homogênea (a que teria como características a "repetição de um mesmo tipo de economia e de paisagem") e a Polarizada ou Funcional (a que "sofre a influência de um centro urbano" tendendo aquela a diminuir do centro para a periferia), sua existência espacial e sua superposição. Chega à conclusão da existência de três tipos de relação das unidades espaciais: a) a que pertence a uma região uniforme urbana — b) a que pertence a uma região uniforme rural — c) a que pertence a uma região uniforme rural polarizada por uma cidade.

Na França a aplicação dessa maneira de agir é cômoda, uma vez que em se baseando nos dados comunais tem-se como unidade espacial uma área restrita, podendo-se melhor localizar os fenômenos e chegar a limites bem próximos aos reais.

Para o estabelecimento da individualização das regiões uniformes rurais os estudos levaram em consideração inúmeros fatores (cada qual cartografado para cada comuna) como, por exemplo, as produções agrícolas, a paisagem rural, a estrutura agrária, a situação demográfica, etc. que sintetizados evidenciam sua qualidade regional. Para a delimitação das regiões uniformes urbanas o estudo baseou-se em critério misto, uma vez que em parte levou em consideração a classificação de cidades da França feita por um órgão oficial, cuja intenção não era a de chegar a esse objetivo. Para que não se chegasse a um "pululamento de regiões urbanas", fêz-se a escolha de alguns centros urbanos que dentro da classificação de cidades polarizadoras

foram julgados os principais. A mesma seleção foi feita nos critérios de polarização para não se chegar a zonas de influência imbricadas. O escolhido para tal foi o do movimento pendular diário da população ativa. "Polarizada seria a comuna que enviaria mais de 10% da população ativa para o conjunto de comunas de uma aglomeração". A partir desse critério estabelece-se uma hierarquia das regiões polarizadas com a variação daquele índice.

Após essas considerações metodológicas A. Gamblin enumera as regiões uniformes urbanas (aglomerações), prolongadas por sua zona polarizada, em número de 12 para o Norte da França; as regiões uniformes com preponderância rural, em número de 16, apresentando em seguida um resumo das características de cada região segundo um plano idêntico para cada categoria regional.

Trabalho interessante, de uma revista que bem acolhemos, que se recomenda a todos preocupados com a metodologia regional, não só porque apresenta fases de trabalho e elucida critérios, como, principalmente, porque abre perspectivas de discussão.

Nelson de La Corte